

# RESISTÊNCIA E LUTA DO MOVIMENTO ESTUDANTIL EM CATOLÉ DO ROCHA – 1968/1971

*RESISTENCE AND STRUGGLE OF THE STUDENT MOVEMENT  
IN CATOLÉ DO ROCHA-1968/1971*

*RESISTENCIA Y LUCHA DEL MOVIMIENTO ESTUDIANTIL EN  
CATOLÉ DO ROCHA-1968/1971*

Jose Lima Soares<sup>1</sup>

**Resumo:** O artigo busca resgatar a trajetória histórica e a memória do movimento estudantil na cidade de Catolé do Rocha, no sertão paraibano, bem como as formas de cultura e resistência política nos idos de 1960/70, que se desenvolveram em pleno regime militar. Jovens estudantes formaram grupos de estudos, organizaram grupos de teatro, bibliotecas e tomaram partido na luta contra a ditadura e por uma sociedade justa, fraterna e igualitária: uma sociedade socialista. Essa juventude, movida pela rebeldia e pela radicalidade, assumiu uma importante luta influenciada pelos movimentos de esquerda e pela Revolução Cubana. No âmbito dessa trama, mesclam-se memória e história, cultura e política e a paixão pela causa revolucionária. Foi com esse espírito de luta e abnegação que a juventude catoleense se deparou no período que ficou conhecido como “anos de chumbo”.

**Palavras-chave:** História e Memória, Cultura, Movimento Estudantil, Catolé do Rocha.

**Abstract:** The article seeks to rescue the historical trajectory of the student movement in Catolé do Rocha, sertão paraibano, as well as the forms of culture and political resistance in 1960/70, that developed in the military regime. Young students formed study groups, theater groups formed, organized libraries and took advantage in the fight against the dictatorship and for a just society, fraternal and egalitarian: a socialist society. This youth, moved by the rebellion and the radicalism, assumed an important struggle influenced by leftist movements and the Cuban revolution. As part of this plot, merge-if memory and history, culture and politics and passion for the revolutionary cause. It was with this spirit of struggle and self-denial that youth catoleense encountered during what became known as the “years of lead.”

**Keywords:** history and memory, culture, student movement, Catolé do Rocha.

---

<sup>1</sup> Universidade Federal de Goiás/Regional Catalão (UFG), Catalão, GO, Brasil, E-mail: [odi-jas@uol.com.br](mailto:odi-jas@uol.com.br)

**Resumen:** El artículo se pretende rescatar la trayectoria histórica y la memoria del movimiento estudiantil en Catolé do Rocha, paraibano, así como las formas de la cultura y la resistencia política en 1960/70, que se desarrolló en el régimen militar. Jóvenes estudiantes formaron grupos de estudios, organizó grupos de teatro, bibliotecas y tomó ventaja en la lucha contra la dictadura y por una sociedad justa, igualitaria y fraternal: una sociedad socialista. Este joven, conmovido por la rebelión y el radicalismo, supone una importante lucha influenciada por movimientos de izquierda y la revolución cubana. Como parte de este complot, combinar-si memoria e historia, la cultura y la política y la pasión por la causa revolucionaria. Fue con este espíritu de lucha y el sacrificio catoleense jóvenes encontrado durante lo que se conoce como los “años de plomo”.

**Palabras claves:** historia y memoria, cultura, movimiento estudiantil, Catolé do Rocha

O objetivo deste artigo é fazer uma análise retrospectiva do movimento estudantil catoleense nos idos de 1968 e início dos anos 70. Trata-se de recompor um pouco o quadro da memória histórica desse período a partir de lembranças e reminiscências de quem vivenciou e participou direta ou indiretamente do desenrolar dos acontecimentos. Período esse, marcado por grande ascenso e uma forte mobilização do movimento em nível nacional, mas de enfrentamento direto contra a repressão política, imposta pelo regime militar, instalado no país a partir do golpe militar de 1964.

Na contextualidade desse quadro, algumas indagações talvez se coloquem como necessárias ao entendimento e compreensão deste período histórico, hoje tão estudado e pesquisado por intelectuais, estudiosos de diversas áreas do conhecimento, professores universitários e militantes políticos. Os trabalhos de autores como Karl Mannheim sobre os jovens e as gerações, e mesmo de Karl Liebknecht<sup>2</sup> representando a juventude socialista, acabaram, de alguma maneira, influenciando no pioneirismo de uma sociologia da juventude. Basta constatar os trabalhos de sociólogos como Octavio Ianni (1968), Marialice Foracchi, Sulamita de Brito nos anos de 1960/70.<sup>3</sup>

<sup>2</sup> Liebknecht lutou ardorosamente para que a juventude tivesse um papel autônomo em relação ao partido e para que os jovens fossem convocados às lutas revolucionárias. Acabou assassinado por agentes ligados ao partido social-democrata alemão (que era governo), juntamente com Rosa Luxemburgo, em janeiro de 1919. Liebknecht costumava citar uma frase que se tornou célebre no movimento socialista internacional: “A juventude é a chama da revolução; o proletariado é o combustível”. Indubitavelmente foi com esse espírito de luta que a juventude estudantil combateu nos anos de 1960!

<sup>3</sup> Ver: MANNHEIM, K. O problema sociológico das gerações. In: FORACCHI, M. (org.) **Mannheim: Sociologia**. São Paulo: Ática, 1982. FORACCHI, M. **O estudante e a transformação da sociedade brasileira**. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1977. FORACCHI, M. **A juventude na sociedade moderna**. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1972. BRITO, S. (org.) **Sociologia da juventude**, volumes I-IV. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1968. IANNI, O. O jovem radical. In: BRITO, S. (org.) **Sociologia da juventude**, vol. I. POERNER, A. J. **O poder jovem: história da participação política dos estudantes brasileiros**. Rio de Janeiro: Civi-

Tomando-se como ponto de partida o caso específico da juventude catoleense de 1968/1971, a realidade do movimento estudantil secundarista, em que medida é possível afirmar que houve um avanço da consciência crítica dos jovens que participaram diretamente dos principais acontecimentos desse período? É possível afirmar que os atos de rebeldia e resistência ao regime militar eram expressão consciente da necessidade de se operacionalizar transformações sociais ou simplesmente tratava-se de atos e/ou ações ingênuas? Ou seria apenas um ato inconsequente de indignação? É possível afirmar que essas iniciativas, como participação na organização dos grêmios estudantis, congressos, reuniões, leituras, eventos culturais serviram de base no processo de tomada de consciência e politização de parte da juventude catoleense? Até que ponto a participação dos jovens na campanha eleitoral de Francisco Muniz de Medeiros<sup>4</sup> (Frei Marcelino, 1968) ajudou no avanço da consciência política desses jovens? Até que ponto as ações políticas dos jovens estudantes acabaram impactando a sociedade catoleense? São indagações que tentaremos responder ao longo deste trabalho. São questões que talvez nos deem pistas de que é possível apreender a realidade em foco e compreender a importância do movimento estudantil catoleense nos idos de 1968/70, resgatando aspectos da memória histórica e da cultura desta cidade localizada no sertão paraibano. A estas questões somam-se outras: Que lições esses jovens tiraram do Maio de 1968, da juventude francesa, da Primavera de Praga, da juventude Eslováquia, da desobediência civil dos jovens norte-americanos, que se recusaram a ir para a Guerra do Vietnã? Que lições tiraram da ascensão do autoritarismo militar na América Latina, entre as décadas de 60 e 70? Que lições tiraram os jovens catoleenses do enfrentamento frente à Ditadura Militar, instalada em 1964?

Com Walter Benjamin (1994) aprendemos que: “É mais difícil honrar a memória dos anônimos do que a dos renomados. A construção histórica se dedica à memória dos anônimos”. Com Leon Trotsky, aprendemos

---

lização Brasileira, 1968. João Roberto Martins Filho em **Movimento Estudantil e ditadura militar** (Papyrus, 1987) faz uma boa análise do período. Além dos trabalhos citados, existe, hoje, uma ampla bibliografia sobre o tema. Ver, ainda, um livro que se tornou um clássico da literatura da época: **1968: O ano que não terminou**, de Zuenir Carlos Ventura.

<sup>4</sup> Frei Marcelino (Francisco Muniz de Medeiros), faleceu em junho de 2013, na cidade de João Pessoa (PB), aos 84 anos, era considerado um ícone da história de Catolé do Rocha. O Frade Capuchino fez história em Catolé do Rocha, enfrentando as oligarquias políticas e o regime militar na década de 60. Foi candidato a prefeito do município, em 1968, enfrentando o ex-deputado Benedito Alves Fernandes (BIU), numa eleição memorável. Biu contava com o apoio do chefe político José Sérgio Maia. Em seguida, acabou se elegendendo a deputado estadual pela Paraíba. Frei Marcelino foi um religioso revolucionário, ícone de uma geração, foi um dos principais responsáveis pela construção do histórico e lendário Colégio Dom Vital. Foi também pioneiro de movimentos vanguardistas, e promoveu a conscientização de camponeses, mobilizando-os para o movimento sindical. Na educação, através do Colégio Dom Vital, promoveu uma verdadeira revolução educacional, concedendo oportunidade aos filhos de agricultores a ter acesso a cursos técnicos, científico e universitários.

que: “A memória dos homens é generosa quando as medidas draconianas são postas ao serviço de grandes finalidades históricas”.<sup>5</sup> Com o sociólogo Octávio Ianni<sup>6</sup> aprendemos que lembrar é também resistir:

É pela memória que se puxam os fios da história. Ela envolve a lembrança e o esquecimento, a obsessão e a amnésia, o sofrimento e o deslumbramento [...] Sim, a memória é o segredo da história, do modo pelo qual se articulam o presente e o passado, o indivíduo e a coletividade. O que parecia esquecido e perdido logo se revela presente, vivo, indispensável. Na memória escondem-se segredos e significados inócuos e indispensáveis, prosaicos e memoráveis, aterradores e deslumbrantes [...] Este é um magnífico e alucinado mergulho na memória e na história. Com um mínimo de elementos, resgata praticamente o acontecido. O que estava perdido ou proibido, encoberto pelo esquecimento, logo se revela vivo, tenso, contundente. Diz respeito ao indivíduo e à coletividade, à biografia e à história. Amarra o presente e o passado, pela audácia da imaginação e pelo talento da criação. De repente, um gesto, fala, som, cor, ritmo ou entonação desvendam o que estava escondido no passado, próximo ou remoto. O que se havia encoberto de névoa e sombra, fragmentado e disperso na paisagem pretérita, num instante explode em toda vivacidade, como se fosse um milagre da criação artística (IANNI, 1999, p. 10).

Na esteira de Walter Benjamin e Halbwachs, Ecléa Bosi entende que a função da memória é o conhecimento do passado que se organiza, ordena o tempo, localiza cronologicamente. Assim, o passado revelado desse modo não é o antecedente do presente, é a sua fonte”. (BOSI, 1995). A memória é a faculdade épica por excelência. Por isso mesmo é que a história deve reproduzir-se de geração em geração, gerar muitas outras, cujos fios se cruzem”. Gagnebin (1982) ao citar Benjamin chama a atenção para o resgate da memória histórica. Ela afirma que:

Escrever a história dos vencidos exige a aquisição de uma memória que não consta nos livros da história oficial (...), fazer emergir as esperanças não realizadas (no) passado e inscrever em nosso presente seu apelo por um futuro diferente (...). O esforço (...) é não deixar essa memória escapar, mas zelar pela sua conservação, contribuir na reapropriação desse fragmento de história esquecido pela historiografia dominante (GAGNEBIN, 1982, p. 26).

Como bem expressa a psicóloga e ex-presa política, Cecília Coimbra, existe várias formas de se resgatar a história e a memória de uma determinada sociedade. Assim, há várias maneiras de se narrar a história. Uma vi-

<sup>5</sup> TROTSKY, L. **Os crimes de Stalin**. Rio de Janeiro: Editora Melsó, s. d., p. 382.

<sup>6</sup> IANNI, Octavio. A ditadura militar no Cárcere. In: **Caros amigos**. nº 32, São Paulo, Casa Amarela, Novembro de 1999, p.10.

são sempre esquecida é a que tem sido forjada pelos diferentes movimentos populares nas suas lutas cotidianas, nas suas resistências e na sua teimosia em continuar existindo. Essas práticas, muitas vezes, têm recusado as normas pré-estabelecidas, instituídas, procurando criar outras formas de ser, de viver, de se relacionar, outras sensibilidades e percepções. Nessas histórias sempre negadas pela “história oficial”, os segmentos subalternizados não são meros espectadores, como têm sido apresentados, mas produtores dos acontecimentos.

Dessa forma, o processo de estruturação da memória coletiva tem se caracterizado como um dos mais sensíveis às disputas e aos confrontos de diferentes grupos sociais. A história que nos tem sido imposta seleciona e ordena os fatos segundo alguns critérios e interesses construindo, com isso, zonas de sombras, silêncios, esquecimentos, repressões e negações. A memória histórica “oficial” tem sido, portanto, um lado perverso de nossa história, produzida pelas práticas dos “vencedores” no sentido de apagar os vestígios que os subalternizados e os opositores em geral têm deixado ao longo de suas experiências de resistência e luta. Essa história “oficial” tem construído distorções e mesmo desconhecimento sobre os embates ocorridos em nosso país, como se os “vencidos” não estivessem presentes no cenário político, apagando até mesmo seus projetos e utopias.<sup>7</sup>

Indubitavelmente, o ano de 1968 foi marcado por grandes mobilizações de massas em todo mundo. Na Europa, tivemos o maio francês, como marco importante das grandes mobilizações de massas, mas tivemos também a invasão da Tchecoslováquia pelas tropas do pacto de Varsóvia; no Brasil, os reflexos desses acontecimentos não tardaram a ter um impacto muito forte. A conjuntura, apesar da repressão política, foi tomada por grandes manifestações estudantis, mas também por duas grandes greves operárias: a greve dos operários metalúrgicos de Osasco, em São Paulo, e de Contagem, em Minas Gerais. Foram greves importantes por melhores condições de vida e trabalho e claramente contra a política de arrocho salarial imposta pela ditadura militar.

A morte do estudante secundarista Edson Luiz de Lima Souto, em 28 de março de 1968, acabaria desencadeando uma grande onda de protes-

---

<sup>7</sup> Coimbra, C. (2003). **Gênero, militância e tortura**. Retirado em 10 abr. 2007, de [http://estadosgerais.org/mundial\\_rj/port/trabalhos/5\\_Coimbra\\_136161003\\_port.m](http://estadosgerais.org/mundial_rj/port/trabalhos/5_Coimbra_136161003_port.m). Ver, a respeito, os trabalhos de Maurice Halbwachs (*A memória Coletiva*, 1990) e Walter Benjamin (*Obras Escolhidas*, 1999). Halbwachs entende que a memória individual existe sempre a partir de uma memória coletiva, posto que todas as lembranças são constituídas no interior de um grupo. A origem de várias ideias, reflexões, sentimentos, paixões que atribuímos a nós são, na verdade, inspiradas pelo grupo. Assim, “os quadros coletivos da memória não se resumem em datas, nomes e fórmulas, que eles representam correntes de pensamento e de experiência onde reencontramos nosso passado porque este foi atravessado por isso tudo” (HALBWACHS, 2004, p. 71).

tos estudantis e manifestações por todo país.<sup>8</sup> A notícia foi recebida com um misto de surpresa, apreensão e revolta. Era a primeira morte de um estudante em 1968, marcando uma nova etapa no movimento (GURGEL, 2004). Os reflexos desse ascenso de massas acabaram tendo um impacto sobre uma parcela importante dos estudantes catoleenses.

Em 1968, a nível nacional, a situação política do país era difícil. O regime militar jogava pesado contra os trabalhadores e o movimento estudantil. Por outro lado, como bem lembra o sociólogo Marcelo Ridenti, as manifestações brasileiras desta época estavam em sintonia com o que ocorria no mundo, mas tiveram a particularidade de inserir-se na luta contra a ditadura militar e civil. Ela enfrentava três frentes de contestação social e política: o movimento estudantil, o movimento operário e a agitação cultural promovida por intelectuais e artistas. A contestação radical à ordem estabelecida difundia-se socialmente também no cinema, no teatro, na música popular, na literatura e nas artes plásticas. Nos anos 60, particularmente em 1968, manifestações culturais cantavam em verso e prosa à esperada “revolução brasileira”, que deveriam basear-se na ação das massas populares, em cujas lutas a intelectualidade de esquerda estaria organicamente engajada.<sup>9</sup>

Não há dúvida que, em Catolé do Rocha, nesse período, havia um forte clima cultural: semana universitária, biblioteca, teatro, cinema, MPB. Passamos a tomar contato direto com a leitura, lia-se de tudo: teatro, política, literatura. Hoje, passado tanto tempo, até costumo afirmar que “a cultura me ganhou para a política”. Igualmente, outros casos existiram e seguem acontecendo. Depois, lendo Leon Trotsky, aprendi que “nem só de política vive o homem”.<sup>10</sup>

---

<sup>8</sup> Edson Luiz não era militante político. Era um jovem paraense de 18 anos que viera para o Rio de Janeiro, como qualquer outro, para tentar uma vida melhor. Mas sua morte quase tornou realidade o sonho de muitos jovens de 1968 que queriam tornar-se sujeitos da História e forjar outro país (LYRIO, 2008).

<sup>9</sup> Cf. Marcelo Ridenti. 1968: ano referencial de uma época. Disponível em [www.boell-latinoamerica.org/download\\_pt/1968\\_port\\_abrev.pdf](http://www.boell-latinoamerica.org/download_pt/1968_port_abrev.pdf). Acesso em 05/03/2011. Como bem expressa o escritor Zuenir Ventura (1988) na introdução de seu livro 1968: o ano que não terminou: “A nossa história começa com um réveillon e termina com algo parecido a uma ressaca - ressaca de uma geração e de uma época. Entre os dois, o Brasil e o mundo viveram um tempo apaixonado e apaixonante. É possível que 1968 não seja como querem alguns de seus hagiólogos, o ano zero de uma nova modernidade, embora os estudantes franceses já tivessem avisado, na época, que era apenas o começo: “Ce n’est qu’un début”, advertiam os muros de Paris. O sociólogo Edgar Morin, que acompanhou o maio francês e em seguida veio ver nossas passeatas, falou em “êxtase da História”.

<sup>10</sup> A propósito desta questão, é de grande importância a leitura da obra **Questões do modo de vida**, de Leon Trotsky, escrita em 1923. O revolucionário russo, toma parte de seu tempo com questões que só na aparência são secundárias: comportamento humano na sociedade, alcoolismo, relações familiares, emancipação das mulheres, questões religiosas, correção da linguagem cotidiana, cinema, questões culturais etc.

Nesse período, conheci, no bairro do Corrente, José Rodovalho de Alencar (Zezito Alencar), de origem de classe média, mas que tinha sido operário metalúrgico em São Paulo, homem muito inteligente, bastante politizado, mas dependente do álcool. Sua crítica bastante contundente dava o tom de defesa apaixonada da revolução cubana e da revolução chinesa. É impressionante, que à época, Zezito, já manifestasse, mesmo que com certa confusão, grandes críticas a linha reformista do Partido Comunista Brasileiro - PCB (o Partidão) e ao estalinismo. Foi dele que recebi o livro *ABC do Comunismo*, de Bukharin e Preobajensky, teóricos da Revolução Russa. Aliás, esse livro fora adquirido por intermédio de Edmilson. Depois, vieram outros, que me marcaram profundamente e certamente influenciaram grande parte de nossa geração. O livro *A mãe*, de Máximo Gorki, causou forte impressão a uma geração de jovens. O próprio Zezito Alencar irá homenagear o grande escritor russo, colocando o nome de Gorki em um de seus filhos. O mesmo ocorreu com o Manifesto Comunista, de Marx e Engels, o livrinho “vermelho” (Citações do presidente Mao), de Mao Tsé Tung, que passaram a ser leitura obrigatória.

Não podemos esquecer duas figuras importantes, que marcaram a vida cultural de Catolê: o professor Simão Bolívar, autor de várias peças de teatro, dentre elas, “*Danação*”, “*Chico Serrotão*”, “*Como salvar um delegado*” onde Rogério Ribeiro de Sá (Zeinha) desempenhava o papel de Jesus Cristo da Silva, de forte conteúdo social. Gildásio Fausto Araújo, também aluno do Colégio Dom Vital, teve importante participação na peça. Aliás, Gildásio assumiu um papel relevante no que diz respeito tanto à participação nos eventos culturais, bem como na questão política. O mesmo pode-se dizer do poeta Jaumir Andrade, bancário do banco do Nordeste, ex-marineiro e participara do movimento de cabos e soldados, no Rio de Janeiro. Era um intelectual cristão, mas bastante influenciado pelo marxismo. Escreveu vários trabalhos que simbolizaram a resistência contra a ditadura.<sup>11</sup>

Num primeiro momento, o grande protagonista, incentivador e estimulador de tudo foi o bancário e professor de história Luis Ferreira de Aquino.<sup>12</sup> Possuía uma boa biblioteca, lia muito, estava sempre bem infor-

---

<sup>11</sup>O poeta Jaumir Andrade, faleceu em 1984, em Natal, tendo publicado inúmeros trabalhos de poesias e poemas, sem esquecer que tinha um talento excepcional para a letra da canção popular, como atestam suas parcerias com Mirabó Dantas e Babau. Com justa homenagem, existe, em Natal, uma rua com seu nome.

<sup>12</sup>Luiz Aquino faleceu em Natal, em setembro de 2007, em consequência de um câncer. Na época enviei a seguinte mensagem para o Geraldo Maciel (Barreto) e também para Ana Lúcia: “Oi, Barreto! Já faz um bocado de tempo que nós não nos encontramos. Estive em João Pessoa, mas tudo muito rapidamente e a gente acabou não se encontrando. Estive em Catolê e fiquei sabendo do falecimento de Luiz Ferreira de Aquino, em consequência de um câncer. Ficamos muito tristes, com a perda daquele que foi, para nós, um exemplo de companheirismo e de solidariedade. Quando eu ainda residia, em São Paulo, conseguimos (eu Luiz Gonzaga), falar com ele via telefone, por diversas vezes. Agora ficamos todos um pouco órfãos! E Barreto me

mado. De certa forma, ele fez nossa cabeça. Era um homem de uma cultura fabulosa; tinha uma formação erudita e caracterizava-se pela dinamicidade e solidariedade. Com a ida de Luis para Mossoró, chegamos mesmo a construir uma boa biblioteca na Praça Mendes Ribeiro, hoje Praça José Sérgio Maia. Além de uma biblioteca, com livros mais específicos e raros, a cargo de Rogério Ribeiro de Sá (Zeinha). Em 1968, Rogério foi presidente do Grêmio do Colégio D. Vital.<sup>13</sup> Sua irmã Edilene Ribeiro (“Nega”), quase sempre, cumpria o papel de “bibliotecária”. Era ela que me entregava os livros. Líamos grandes clássicos da literatura russa: Maiakovsky, Gorki, Tolstoi, Dostoievski, Gogol. Literatura brasileira: Graciliano Ramos, Jorge Amado, Machado de Assis, além de autores como Josué de Castro, Francisco Julião, Caio Prado Jr., Antonio Callado, entre outros. Enquanto isso, o pólo irradiante desse centro cultural era o Colégio D. Vital. O colégio Dom Vital educava para a vida!

O ambiente propiciava uma leitura eclética; nossa formação se dava em um clima de total ecletismo. Como afirmei, líamos de tudo: Marx e En-

---

respondeu: “Realmente, com esta perda, todos nós ficamos órfãos”. Ana Lúcia se deteve mais longamente, e me respondeu: “Soares, estou tristíssima com a notícia de morte de Luiz, um belo homem, uma grande figura, um pensador e um trabalhador da cultura. Não sei se eu gostaria tanto de estudar se não houvesse conhecido o Luiz. Ele nos ajudou a sair do vale e pensar em galgar as montanhas. Fico pensando: Por quem estou chorando? (Sou muito chorona). É aquela história: Por quem os sinos dobram? Sei por que choro: Os anos passados, a juventude fugaz, os sonhos aniquilados, os mitos destruídos e uma sensação de que nada, absolutamente nada, até hoje, consegui dar um sentido a nossas vidas. Depois do socialismo, nada nos fascinou. É como se nosso coração estivesse seco. É como se houvéssemos perdido para sempre o melhor de nós. Muito obrigada pela notícia. Claro que sempre releio algumas partes de meu livro. Nele, sinto duas lacunas: a ausência da fala de Luiz, que tentei entrevistar e não consegui de forma alguma, apesar dos insistentes telefonemas. Sinto falta também de sua participação, Soares. Realmente não o procurei porque não tive muito contato com você. Nas entrevistas que fiz o seu nome praticamente não foi citado. Depois do livro publicado, por ironia, nos encontramos e fiquei muito feliz ao ler seu livro e ao conhecê-lo mais de perto. Tenho a esperança de aproveitar seu material - aquele texto que você me enviou - numa reedição do livro. Ana Lúcia”. Como Luiz, Geraldo Maciel, também se foi. Nossa convivência foi curta, mas o suficiente para perceber seu enorme talento, um misto de criatividade e inventividade aliada a uma tamanha desenvoltura na elaboração de seu pensamento. E agora, temos a incumbência de resgatar tudo isso, neste livro, que expressa o que Halbwachs chamou de “memória coletiva”.

<sup>13</sup>Em 1971, Rogério Ribeiro Sá (Zeinha) foi eleito presidente do GRECESC (Grêmio Central dos Estudantes Secundaristas de Catolê). Em 28/11/2011, o próprio Rogério me confirmou a informação: “Ganhamos de uma chapa que teve o apoio do Coronel Zé Sergio Maia”. No mesmo período, entre 1970-71, no Colégio Comercial Pio XII (noturno), também sob a direção de Frei Marcelino, por iniciativa de Otávio Lins e outros colegas, formamos uma chapa para o Grêmio Estudantil. Era chapa única, não apareceu concorrente, fomos eleitos, Antônio Jackson Alves Rocha (Toinho de Genar Rocha), como presidente, e eu, como vice. Foi um fato importante e positivo, pois era uma forma, mesmo que tímida, de alimentarmos a chama viva do pouco que restava da organização e mobilização do movimento estudantil catoleense. No restante do país, o clima era de medo e profunda repressão política; não havia qualquer espaço para manifestação política. As organizações de esquerda, na clandestinidade, encontravam-se desarticuladas e seus quadros políticos na prisão ou no exílio.

gels, Lênin, Trotsky, Guevara, Mao e Ho Chi Minh (leitura esta nem sempre bem compreendida). O referencial de tudo era a Revolução Cubana; discutíamos a experiência histórica da Revolução Russa, mas estávamos impregnados fortemente pelo processo revolucionário cubano, pela luta armada e pelas guerras de guerrilhas.

No plano nacional, a conjuntura caracterizava-se pela repressão política imposta pela ditadura. O movimento estudantil e as greves operárias de Osasco e Contagem foram duramente reprimidas. A esquerda revolucionária dia-após-dia vai sendo encurralada e jogada na clandestinidade. O movimento estudantil que teve seu ápice com a morte do estudante Edson Luis e a grande Passeata dos Cem Mil, em junho 1968, já estava entrando em fase de recuo. Em seguida, no dia 13 de dezembro, a Ditadura Militar lança mão do AI 5. A partir daí começa a fase mais sombria e truculenta da Ditadura. A esquerda se sente acuada e passa à luta armada. As estratégias políticas variam. O PC do B (Araguaia), seguindo orientação chinesa opta pela guerrilha rural (o campo cercando a cidade; a chamada guerra prolongada). As organizações advindas de rachas do velho PCB (o partidão, como ficou conhecido), passam à estratégia de guerrilha urbana, praticando ações armadas, expropriações etc. Outros grupos optam pela teoria do foco<sup>14</sup> (o foquismo), inspirada na obra *Revolução na Revolução*, do filósofo francês Régis Debray. Várias organizações assumiram essa via de ação, entre elas Aliança Libertadora Nacional - ALN, Vanguarda Popular Revolucionária - VPR (Vale da Ribeira), Movimento Revolucionário 8 de Outubro - MR8 (Bahia).

Em Catolé do Rocha, um grupo se formou a partir desse espírito de luta. Queríamos por fim à ditadura militar, fazer a revolução, transformar a sociedade e construir o socialismo. O grupo era bastante heterogêneo, constituído, em sua grande maioria de jovens menores de 18 anos, sem nenhuma experiência política, com pouca formação política. O principal representante do grupo era Ariosvaldo da Silva Diniz. Ari, juntamente com Ubiratan, entre outros, começaram a organização da militância em torno da perspectiva revolucionária. Eles tinham clareza que a política reformista do velho partidão não serviria como instrumento de transformação social; por isso passaram a integrar o Partido Comunista Brasileiro Revolucionário (PCBR), uma organização dirigida, no plano nacional, por ex-militantes do PCB, entre eles, Jacob Gorender, Mario Alves e Apolônio de Carva-

---

<sup>14</sup>Teoria do Foco (foquismo) – muito em voga nos anos 60 e 70. Difundida pelo filósofo francês Régis Debray por intermédio de seu livro *Revolução na revolução*. De acordo com esse pensamento, a implantação de um núcleo (foco) de guerrilheiros bem-treinados e armados no campo seria o ponto de partida para a construção de uma força revolucionária visando à tomada do poder. Com essa concepção, algumas correntes mais radicais, ao tomarem como referencial a universalização da experiência cubana, acabaram negando o papel da organização partidária.

lho.<sup>15</sup> Nesse período, o PCBR foi uma das organizações mais importantes na condução da militância política, principalmente nos estados da Paraíba, Pernambuco e Rio Grande do Norte. Foi, a partir desse quadro, que surgiu a ideia de se fazer uma discussão mais aprofundada sobre a conjuntura nacional e o “Que fazer?” diante do clima de repressão política imposta pela ditadura militar e quais os rumos da esquerda revolucionária, com relação ao caráter da Revolução Brasileira.

### 1969 – A primeira subida à serra de Capim-Açú

No primeiro semestre de 1969 – em plena semana santa, ocorre a primeira subida a Serra. O número de participantes desta atividade política foi bem mais reduzido que a Segunda, que iria ocorrer logo depois, no mês de Julho. Como recuperar a memória não é coisa fácil, procuro citar apenas alguns nomes: o autor destas linhas (José Soares), Joaquim Almeida, José Cidalino Almeida (“Dedé de Cidalino”), Ariosvaldo da Silva Diniz, Rogério Ribeiro, Gildásio Fausto Araújo, Luiz Gonzaga, o bancário, o ex-presidente do Centro Estudantil Catoleense Expedito Vieira Figueiredo (todos alunos ou ex-alunos do D. Vital), Amilton (da AP, Campina Grande), Washington Rocha (dirigente do PCBR, J. Pessoa), Geraldo Magela (de J. Pessoa, que não era militante) e Chico, um parente de Ari, que, salvo engano, residia em Brasília. Que eu me lembre foi a primeira vez que o grupo se preocupou, de forma mais ou menos organizada, em colocar em pauta a discussão sobre o caráter da Revolução Brasileira.

O livro *A Revolução Brasileira*, de Caio Prado Jr., causara um forte impacto na esquerda brasileira. Caio Prado rompe com o esquematismo do partidão, que tomava como referencial a tese dos “resquícios feudais”, presentes em alguns teóricos do PCB, entre eles, Alberto Passos Guimarães e Nelson Werneck Sodré. O mérito de Caio Prado foi o de ter apontado que o modo de produção predominante no país era o modo de produção capitalista e que a revolução brasileira passaria pela tomada do poder pelo proletariado e a construção do socialismo. Essa concepção rompia, na prática, com a tese de uma burguesia nacional progressista, capaz de defender os interesses nacionais etc. Ou seja, os protagonistas da revolução “por etapa”, hegemônica pela direção do partidão, não conseguiam compreender que a burguesia brasileira era, a um só tempo, opressora da grande maioria

---

<sup>15</sup>Para uma compreensão do papel político do PCBR, nesse período, existem vários trabalhos publicados. No plano da pesquisa acadêmica, vale à pena consultar a dissertação de mestrado do prof. Márcio Lemos de Souza: *O Partido Comunista Brasileiro Revolucionário e Suas Lideranças Apolônio de Carvalho e Mário Alves*, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade Salgado de Oliveira, Niterói, 2009. Ver o trabalho do sociólogo Renato da Silva Della Vechia, *Origem e evolução do partido comunista brasileiro revolucionário: (1967-1973)*. Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2005.

dos explorados do país e semi-oprimida pelo grande capital. Portanto, a independência em relação ao grande capital imperialista, era uma ficção. Na divisão internacional do trabalho, a burguesia brasileira entrara tardiamente pelas portas do fundo.

Na primeira subida à Serra do Capim-Açu, o fato mais importante foi, sem dúvida, o de tomarmos contato diretamente com a área, o terreno íngreme e acidentado, além do debate sobre a conjuntura política, a tática e a estratégia da revolução brasileira. Washington foi o responsável pelo informe central e, em seguida, participamos da discussão. Ari e Espedito deram suas contribuições, além de um militante de Campina Grande (Amilton) que se identificara como da Ação Popular (AP). Confesso que nunca entendi direito o porquê da presença desse militante, uma vez que parte do pessoal que ali estava, identificava-se ou tinha maior afinidade com a linha do Partido Comunista Brasileiro Revolucionário (PCBR). O PCBR defendia a luta armada; a AP era contra; defendia uma linha política bem mais moderada. Ficamos dois dias na Serra. Foi uma experiência interessante: discutimos bastante, procuramos atualizar o debate, expressamos nossas inquietações e angústias e comungamos nossos sonhos de lutarmos não apenas contra a ditadura militar, mas lançamos cada vez mais na luta (no espírito de CHE) por uma sociedade “sem exploradores e sem explorados”, uma sociedade socialista.

Descemos a Serra com a sensação (eu pelo menos) de que o encontro foi positivo. Aprendemos com a experiência de vida de cada um, trocamos informações, debatemos a realidade nacional, o caráter da revolução brasileira, um pouco da situação internacional e aprofundamos nossa formação política. Enfim, foi uma boa “caçada” que acabou servindo de base e preparação para a segunda subida a Serra, que iria ocorrer, logo em seguida, no mês de julho de 1969.

Enquanto isso nossa militância continuava de forma mais ou menos intensa para os padrões de uma pequena cidade do interior. Tentávamos levar uma vida normal, líamos um pouco, estudávamos, participávamos das festas, tomávamos contato com a literatura, os clássicos do marxismo, procurávamos entender a conjuntura, compreender o momento político, participávamos da vida cultural, fazíamos panfletagem e chegamos mesmo até a fazer um jornalzinho intitulado *Luta Camponesa*, que distribuímos no campo, fizemos contatos com os trabalhadores rurais. (O saudoso professor Francisco das Chagas (Chiquinho Caetano) deu importante contribuição na confecção e distribuição deste jornalzinho). Lembro-me que, em pleno dia de sábado, dia-de-feira, o mercado amanheceu totalmente tomado por pichações com palavras de ordem: “Abaixo a Ditadura”; “Abaixo o Imperialismo”; “Costa é pior do que bosta”; “Viva Che”; “Viva Cuba”; “Viva a Revolução”; “Viva o socialismo”. Logo, em seguida, essa atividade acabou

levando Luiz Gonzaga à prisão, em janeiro de 1969, onde ficaria quase três meses e Pedro Raimundo que iria ser intimado várias vezes a prestar depoimentos a polícia e ao exército.<sup>16</sup> Pelas palavras de ordem, fica claro de como estávamos contagiados pelo espírito da Revolução Cubana. É bom lembrar que não era uma militância orgânica (nos padrões do centralismo democrático, de Lênin), reuníamos no mais das vezes esporadicamente e tomávamos decisões descentralizadas. E tanto que o grupo vai se subdividir, constituindo uma espécie de “MR3”, incluindo José Otávio Maia (Zezito), Francisco Alves Dantas (Cacheado) e Rogério Ribeiro Sá (Zeinha).<sup>17</sup> Confesso que nunca entendi bem essa relação que se estabeleceu entre os três. Porque Rogério sempre foi mais consciente, tinha melhor formação política, era mais organizado politicamente, tinha certo acúmulo de leitura, além de uma inserção maior no movimento estudantil.

O fato de Ari e Ubiratan, entre outros, terem se ausentado de Catolé (passando a estudar em João Pessoa) acabou contribuindo para um certo vazio do movimento, que carecia de maior organicidade e centralização. Bem, não éramos um partido revolucionário, mas um grupo de jovens que aspirava mudança, a transformação social e que queria o fim da ditadura e a construção do socialismo. Isso tínhamos mais ou menos claro. Estávamos marcados pelo afã de fazer alguma ação política prática contra o regime militar, contra as injustiças sociais vigentes no país. Ou seja, estávamos muito premidos pela difícil conjuntura que o País enfrentava e procurávamos dar respostas de acordo com as condições objetivas e subjetivas que dispúnhamos. Isso é um fato.

Em Julho de 1969, ocorre nossa segunda subida a Serra do Capim - Açú. A “Caçada” tem destino certo. Dos cerca de dezenove jovens que subiram a Serra, alguns já haviam feito o mesmo percurso na escalada anterior,

---

<sup>16</sup>Pedro Raimundo da Silva foi um misto de operário gráfico e líder sindical camponês. Foi presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Catolé do Rocha nos anos de 1960, sofreu muito com as perseguições da polícia e do exército, a ponto de se “auto-exilar” por cerca de seis meses em um colégio de freiras, na ilha de Itaparica, Salvador – BA. Por ser responsável pela gráfica do Dom Vital, acabou assumindo um papel muito importante na confecção dos jornais, panfletos e boletins, que serviam como veículos informativos e de propaganda política. Pedro era um homem muito paciente e solidário, um lutador, um humanista, na verdadeira acepção do termo, muito moderado e próximo a linha do partidão, não tinha muito acordo com a política desenvolvida pelo grupo majoritário. Era uma espécie de “intelectual orgânico” das classes subalternas. Acabou pondo fim a sua própria vida de forma bastante trágica, em João Pessoa, em 19 de agosto de 1979. De acordo com os familiares, deixou uma carta em que fazia menção à luta contra a opressão e a exploração capitalistas, às torturas, prisões e aos inúmeros sofrimentos a que foi submetido juntamente com sua família. Não há dúvida que a ditadura militar foi a principal responsável pela sua morte.

<sup>17</sup> Nessa época, os três estudavam no Colégio Estadual de Catolé do Rocha. José Otávio Maia, aluno do Colégio Estadual, filho do “coronel” José Sérgio Maia, um dos políticos mais influentes e poderosos da região. Francisco Alves Dantas (Cacheado) fora, antes, aluno do Colégio Agrícola.

entre eles, eu, Ari, Gildásio e Rogério.<sup>18</sup> A maior parte do pessoal estava subindo a Serra pela primeira vez e alguns deles não tinham participação política ativa, mas acabou indo, adoceram, e retornaram mais cedo à cidade. Lá, fizemos algumas discussões importantes sobre tática e estratégia revolucionárias, além de realizarmos, efetivamente, treinamento com algumas armas, fuzis, rifles etc. Ficamos uma semana na Serra. Na prática, discutíamos o que as organizações revolucionárias e guerrilheiras estavam colocando em prática em nível nacional: o caráter da revolução brasileira, a resistência armada, a guerrilha rural e urbana. Mas o nosso nível teórico e o de organização, bem como nossa formação político-ideológica, eram ainda bastante incipientes. Não tínhamos maturidade e nem a envergadura necessária para um eventual enfrentamento direto mais sério. Hoje, passados todos esses anos, consigo perceber que uma das maiores deficiências que tínhamos, na verdade, era ausência de uma base de massa mínima que nos apoiasse.<sup>19</sup>

Com a descida da Serra, achamos que nossa atividade, considerando os percalços e nossas limitações, foi um sucesso. Não chegamos a fazer uma discussão aprofundada sobre a situação nacional e internacional, mas discutimos algumas questões sobre tática e estratégia. Fizemos treinamento,

---

<sup>18</sup>Infelizmente, não consigo lembrar os nomes de todos que participaram da subida a Serra, o que exigiria um esforço coletivo e concentrado das demais pessoas envolvidas; o que seria importante para se evitar cometer injustiça e recuperar a memória histórica desse período. Mas conversando com Rogério (Zeinha), Ubiratan e Luiz Gonzaga, procuramos recuperar a memória, na tentativa de lembrar os nomes dos que subiram a Serra. Chegamos a seguinte lista, começando com os irmãos Costa: Joaquim Almeida, Ubiraci Cortez Costa, Irapuan Cortez Costa, Ubiratan Cortez Costa, Luiz Gonzaga da Silva (conhecido como Gegê), Ariosvaldo da Silva Diniz (Ari), José de Lima Soares (“intelectual”), Gildásio Fausto Araújo, Rogério Ribeiro de Sá (Zeinha) e seu irmão Carlos Roberto Ribeiro (“Carlinhos”), Santino Neto, Francisco Veras (Noel Veras), Manoel Pedro da Silva e seu irmão José Paz (“Neguinho”), Francisco Alves Dantas (“Cacheado”) e seu irmão Flávio Alves Dantas (“Mão de Onça”), Flávio Ronaldo Guedes (Ronaldo de Jeová), João Salustiano Neto (Neto Boca-Rica) e Orivaldo Vieira. Ou seja, de acordo com alguns colegas, a lista está incompleta.

<sup>19</sup>Falávamos dos camponeses e da luta operária, mas não contávamos com o apoio deles. E já tínhamos vivenciado a experiência do “CHE” na Bolívia, em 1967, que morrera, isolado, sem ter conseguido o apoio dos camponeses e operários e sem imprimir, com sucesso, a experiência cubana. O problema é que estávamos tão fortemente impregnados pela experiência cubana que não conseguíamos enxergar outras possibilidades. A idéia fixa do “foco”, da “guerra de guerrilhas”, da “guerrilha urbana” contagiava todos nós. Algumas correntes de esquerda chegaram até mesmo a escrever em seus documentos que, no Brasil, nosso proletariado não tinha tradição de luta. No fundo, estavam cometendo uma profunda injustiça com os trabalhadores ou era total ignorância da história do movimento operário brasileiro. Realmente, a saga do movimento operário foi sempre contraditória. Nas primeiras décadas do século XX, viveu sua fase heróica, com o anarco-sindicalismo, enfrentando o capital com grandes mobilizações, lutas e greves. Quando já sob a direção do PCB, o proletariado não vai conseguir constituir-se em classe *para si*, não vai conseguir construir sua independência de classe. A política do PCB - ao longo de sua existência - foi sempre pautada pela conciliação de classes e pelo reformismo. O partidão nunca teve nada de comunista ou revolucionário. Caminhou sempre a reboque da burguesia. Repetiu, no Brasil, a mesma política estalinista da III Internacional.

atiramos com várias armas. A sensação é que se tivéssemos armas mais potentes (talvez um FAU, uma metralhadora ou outras armas mais pesadas), um grupo de homens bem-treinados, poderia derrotar o inimigo. Ficamos cinco dias na Serra, enfrentando as intempéries e adversidades que faziam parte da luta cotidiana daqueles que pretendiam transformar a sociedade pela via revolucionária.<sup>20</sup> Foi uma experiência interessante. Pelo menos, para alguns, que já estavam engajados na luta e seguiriam combatendo pela transformação social e, portanto, não estavam dispostos a recuar. Um detalhe importante: o problema maior era a falta d' água para suprir o Acampamento. Essa era a tarefa mais dolorosa; era uma prova para todos nós: ter que subir e descer a Serra, várias vezes ao dia, e ainda ter a proeza de encontrar água.<sup>21</sup>

Não tivemos tempo de fazer um balanço crítico e autocrítico de nossas atividades. Mas, fazendo um retrospecto dos fatos, creio que o saldo foi positivo. O impacto se fez sentir, rapidamente, na sociedade catoleense. Parte da juventude demonstrava curiosidade, queria saber o que havia acontecido, qual a sensação de se fazer uma ação política desse tipo. Algumas interrogações: o que pretendíamos com isso? O que estávamos fazendo? Não era perigoso? Não corríamos o risco de sermos presos? E parte da população, sem entender muito bem o que estava acontecendo, quando passávamos nas ruas “fuzilavam-nos” com seus olhares de desconfianças. É como se nós estivéssemos fazendo algo “fora da lei”, mas não sabiam o que era... De nossa parte, sabíamos que, pela repressão política e pela violência que vinha sendo imposta pela ditadura, em todo país, mais cedo ou mais tarde, o círculo de ferro iria se fechar. Eu, assim como outros companheiros, estávamos cômicos de tudo isso. Dado o momento político, fazer uma “Caçada”, com as características de treinamento de guerrilhas, nem mesmo de brincadeira, a repressão política iria tolerar. Era uma afronta à ditadura e aos aparelhos repressivos! (Por muito menos, algum tempo depois, Gildásio Fausto Araújo, Ubiratan Cortez Costa e Rogério Ribeiro de Sá iriam ser presos pela segunda vez pelo mesmo delegado). É o que iria acontecer com todos nós. Nosso destino foi ir parar na cadeia. Como afirma Ana Lúcia Gomes de Melo, em seu livro *Geração Viramundo – Catolé do Rocha Anos 60*:

---

<sup>20</sup>A propósito, tínhamos nos detido na leitura de alguns textos sobre a *práxis* revolucionária: **Guerras e Guerrilhas, Nossa luta na Sierra Maestra e Diário da Bolívia**, de Ernesto Che Guevara; **Vietnam - A guerrilha vista por dentro – mãe carabina e suas filhas**, Wilfred Burchet; **O que o revolucionário deve saber sobre a repressão**, Victor Serge; **Citações do presidente Mao – apelidado de o “livro vermelho”**, Mao Tse Tung; **Revolução na revolução**, de Regis Debray, além de textos mimeografados.

<sup>21</sup>A respeito desse fato, ver mais detalhes no livro **Geração Viramundo** (p. 208-209), onde a autora reproduz fielmente as dificuldades que o grupo enfrentou no Acampamento, no tocante à disciplina e a abnegação que o momento exigia de uma organização guerrilheira. Embora alguns não levassem a sério e não entendesse o sentido da disciplina férrea, outros companheiros encaravam a situação com a seriedade e a abnegação de quem estava numa luta.

Os estudantes realizavam sua aventura e a polícia não perdia tempo. Conversava com as pessoas, seguia os passos, juntava informações, procurava entender o quebra-cabeças de ações aparentemente isoladas, como pichações, furtos (para nós, expropriações), caçadas prolongadas e misteriosas, reuniões secretas (...) Os meninos deixavam suas pegadas. (GOMES DE MELO, 2006, p. 210).

Concomitantemente a esses fatos, em 07/10/1969, o vice-presidente da União dos Estudantes da Paraíba, João Roberto Borges de Souza, que havia cumprido pena em Recife, apareceu morto em um sítio próximo ao Olho d'Água, em consequência de "afogamento". Só que, até onde sabemos, João era filho de família portuária de Cabedelo e sabia nadar muito bem.<sup>22</sup> Quando o corpo veio para Catolé, tivemos a oportunidade de vê-lo, já no caixão; deu para perceber alguma coisa estranha, algumas manchas avermelhadas, pequenas marcas no peito e na cabeça, mas, infelizmente, não foi realizada nenhuma autópsia para que os fatos fossem devidamente apurados e chegássemos a uma conclusão sobre a *causa mortis*. Lembro-me bem que a comoção, na cidade, foi geral. As pessoas, mesmo sem conhecê-lo, ficaram muito tristes com a morte do João. Alguns de tendência claramente conservadora, diziam: "É um terrorista"; outros, sem conhecimento de causa, afirmavam: "Dizem que era comunista". Na verdade, a morte de João Roberto foi o prenúncio do desenrolar dos acontecimentos.

Quinze dias depois, no dia 22 de outubro de 1969, começam as pri-

---

<sup>22</sup>O Relatório (Dossiê) da Comissão de Anistia, publicado em *Os filhos deste solo* Mortos e desaparecidos políticos durante a ditadura militar: a responsabilidade do Estado (Boitempo, 1999), organizado por dois ex-presos políticos, Nilmário Miranda e Carlos Tibúrcio, afirma que João Roberto: "Ficou detido por três meses para interrogatórios, tendo sofrido torturas, conforme relatou após ser posto em liberdade. Em 7 de outubro, foi sequestrado por elementos do CCC e do Cenimar, segundo o testemunho de seus companheiros e familiares. O corpo de João Roberto, apresentando inúmeros ferimentos e tendo o rosto quase que completamente desfigurado, foi jogado em um açude, em Catolé do Rocha – Pernambuco (leia-se Paraíba) tendo morrido em consequência de afogamento. Como o requerimento foi feito fora do prazo, a Comissão decidiu por unanimidade não apreciar o caso" (p. 618). No primeiro processo junto à CEMDP, a mãe de João Roberto requereu os benefícios da Lei nº 9.140/95 após o término do prazo legal estabelecido, o que levou a um indeferimento inicial, por intempestividade. Após a promulgação da Lei 10.536, ampliando o escopo da anterior, a família deu entrada com um novo requerimento na Comissão. Segundo o relator, a documentação anexada aos autos permitiu concluir que havia relação de causa e efeito entre a morte de João Roberto, cujo nome consta no Dossiê dos Mortos e Desaparecidos Políticos, e sua militância política. O relator reconheceu a procedência do pedido e considerou que a morte de João Roberto estava amparada pelos benefícios da nova lei. De qualquer forma, o caso de João Roberto é nebuloso. Recentemente, Ubiratan Cortez Costa esteve no sítio Olho D'Água, local onde foi encontrado o corpo de João Roberto. Ao passar uma tarde inteira no sítio, Bira expressou, assim, seus sentimentos: "João foi mais um militante, um combatente da liberdade, trucidado pela ditadura em sua crueldade; foi mais um dos nossos heróis e prestamos nosso tributo ao jovem combatente que, no solo sertanejo, calaram sua voz. Ao chegar e ver sua cruz – tantos anos depois de sua morte – a emoção transborda numa homenagem singela com flores vermelhas nativas: o vermelho que representa a vida e está fixado em todas as bandeiras do socialismo".

sões. Todos nós fomos presos pelo tenente Newton Ferreira de Araújo. Não havia mandado de prisão. Mas o AI-5 determinava e podia tudo. No momento da minha prisão, o Jeep saiu “desfilando”, lentamente, pelas ruas do bairro do Corrente até a cadeia (onde hoje é o banco do Brasil). Confesso que me lembrei do Gregório Bezerra, velho comunista, que sofreu muito, e quase sempre era arrastado pelas ruas de Recife, enquanto os verdugos cumpriam o ritual, marcado por açoites e chicotadas.

Nós tivemos mais sorte. No resto do país, as torturas, as mortes em consequência do choque, “pau-de-arara” etc., os desaparecimentos eram tantos que não se contavam.<sup>23</sup> Durante o percurso, o tenente Newton Araújo e os policiais, foram-me “entrevistando”, perguntaram sobre o “negro” Luiz Gonzaga, Frei Marcelino, e se eu estava metido nesse “negócio de guerrilha”, de “subversão”... Se eu sabia alguma coisa... Ficamos presos uma semana.<sup>24</sup> Confesso que esta prisão foi o começo de tudo e nos marcou profundamente. Outro fato - não menos importante: foi ter recebido o apoio daquela juventude, juntamente com adultos, familiares, senhores e senhoras, que se postavam ali, em frente à cadeia, todas às noites, para protestarem contra as medidas repressivas do tenente e manifestarem solidariedade a todos nós. Não há dúvida que aquela multidão estava ali expressando sua indignação contra aquele estado de coisas.

Pois eu, bem como a maioria dos companheiros, éramos menores de idade, não havia mandado de prisão e vimos nossos direitos serem vilipendiados, massacrados por um regime ditatorial, que, diga-se de passagem, tinha muito poder, mas não tinha legitimidade e nenhuma autoridade. O problema é que a ditadura não nos dava trégua!

Após as prisões, iniciou-se um período de grande recuo. Expressão real do que estava acontecendo em todo país: prisões, perseguições políticas, clandestinidade, torturas, desaparecimentos, mortes e exílios. Esse clima se abateu profundamente na juventude consciente catoleense. Continuamos participando da vida cultural, das festividades, dos “bailes da vida”, mas

---

<sup>23</sup>Para uma compreensão da escalada da repressão política no país, existe uma vasta bibliografia sobre o tema. A título de sugestão, indicaria o livro **Combate nas Trevas - A Esquerda Brasileira - Das Ilusões Perdidas à Luta Armada**, do historiador Jacob Gorender, ex-dirigente do PCB e do PCBR e ex-presos político. O livro, como indica o historiador Marco Aurélio Garcia, expressa a realidade histórica desse período: a partir de sua vivência e recordações, mas, sobretudo, de uma vasta pesquisa em livros, documentos de organizações e da realização de dezenas de entrevistas, o autor pôde reconstituir a trajetória dos partidos e grupos de esquerda, sobretudo no período que vai de 1964 até 1974, ano em que a esquerda brasileira se encontrava mergulhada em sua mais grave crise, depois de ter sido esmagada pela repressão da ditadura.

<sup>24</sup>Ari fora preso em João Pessoa, enquanto Ubiratan, Luiz Gonzaga, Francisco Alves Dantas (Cacheado) e Neto (por serem maiores de idade) seguiram para João Pessoa. Edmilson Alves Azevedo, envolvido em outro processo, também cumpriu pena em João Pessoa. Neto e Luiz Gonzaga, ao não serem condenados, retornaram antes à Catolé, enquanto Ari, Cacheado e Ubiratan, acabaram cumprindo um ano de prisão.

a participação política ficaria bastante limitada.<sup>25</sup> Voltamos à sala de aula com mais afinco, queríamos concluir o curso ginasial, o nível médio o mais rápido possível; alguns procuraram abreviar o tempo, fazendo o antigo madureza, uma espécie de supletivo. Para alguns, a ideia era mesmo ingressar na universidade, enquanto para outros, dada as circunstâncias de isolamento em que nos encontrávamos, a perspectiva que se colocava, naquele momento, era sair rapidamente para outros centros urbanos.

A partir de 1971, começa uma verdadeira “debandada” daqueles que participaram mais diretamente do movimento estudantil catoleense: Rogério, Gildásio, Ari e Francisco Alves Dantas (Cacheado) rumaram para o Rio de Janeiro; eu, Luiz Gonzaga e Ronaldo (de Jeová) tomamos o destino de São Paulo. Depois, entre 1973/74, vamos nos reencontrar todos em São Paulo. Mas a maioria de nossos colegas, ao se distanciarem de qualquer atividade política, simplesmente optou por ficar em Catolé ou foram estudar em João Pessoa, Recife, Natal etc.

### **Considerações finais**

À guisa de conclusão, é possível que façamos um pequeno balanço desse período. A partir de pesquisa realizada, foi possível chegarmos a algumas conclusões. Essas conclusões não são definitivas. Esperamos que outros pesquisadores e estudiosos do tema deem continuidade e possam trazer à

---

<sup>25</sup>Expressão real da situação de angústia generalizada em que vivíamos, pode ser constatada nessa carta, sem data, encontrada nos arquivos de Ubiratan, que enviei aos “companheiros de viagem” por volta de 1970 (que pelo teor dá a impressão de que ainda se encontravam presos): “Companheiros, o caminho é íngreme, longo e difícil de seguir, porém, cedo ou tarde, poderemos chegar ao fim; porque não nascemos revolucionários, tornamo-nos revolucionários, e, se tornamo-nos revolucionários, o nosso propósito é não resignarmos, não negligenciarmos diante da luta. Se assim o fizéssemos, seríamos então revolucionários? Ao contrário, seríamos então reformistas, pseudo-revolucionários. Companheiros, a luta é longa e difícil, porém, para atingirmos o apogeu, teremos que lutar ininterruptamente, sem misericórdia, sem hesitação, sem recuarmos um passo, para nos livrarmos das garras da ditadura podre e seus lacaios imperialistas [...] Não estamos inertes, podem confiar. No entanto, a nossa ação é muito restrita... Estou procurando condições para uma “Arriba” daqui; não posso saber quando será essa “Arriba”, sei que tenho que dá nos calos. A situação não me permite que fique aqui por muito tempo. Aliás, uma coisa é certa; nenhum de nós podemos - se quisermos dedicarmos-nos à revolução - permanecer por muito tempo aqui. Por motivos que evidentemente se explicam: 1. Não temos condições de levar nossos conhecimentos à ação prática; 2. Não é possível manter contato com as organizações [revolucionárias]; isso, nas nossas condições, é impossível. Se continuarmos aqui [em Catolé] por muito tempo, continuaremos sem nenhuma perspectiva para uma ação prática e cairemos no “foquismo”. Em outra passagem, a carta reafirma que: “O nosso principal objetivo é conhecer o marxismo, suas fontes, suas origens, enfim, tudo que for dialético”. Esta não é a conclusão da carta, pois Ubiratan não conseguiu localizar a parte final. Mas dar para se ter uma ideia da situação de isolamento em que vivíamos naquele período. Por outro, manifesta uma certa preocupação política com a continuidade da luta contra a ditadura civil-militar e pela transformação da sociedade.

tona outras fontes de informação no sentido de resgatar a memória histórica desse período.

Em primeiro lugar, somos da opinião de que o movimento estudantil catoleense cumpriu seu lugar na história, assumindo seu protagonismo social no âmbito de um período de grande repressão política. O jovem que contestava naquela conjuntura histórica foi uma espécie de caixa de ressonância da sociedade de sua época, e acabou ajudando a construir-se a si próprio – sob a representação de uma possível “natureza juvenil revolucionária”.<sup>26</sup> Em segundo lugar, não há dúvida que a campanha política de Frei Marcelino, em 1968, a eleição e cassação arbitrária do vereador Espedito Figueiredo, bem como as ações políticas desempenhadas pelos jovens cumpriu um papel significativo no despertar da consciência crítica dessa juventude marcada pela radicalidade. Esse radicalismo, como diria o saudoso sociólogo Octavio Ianni, não era resultado apenas de uma fase transitória na vida dos jovens, mas, ao contrário, produto da maneira pela qual a pessoa encara certa situação social. Assim, as atividades políticas de classe. O próprio sistema capitalista transforma as condições de vida drasticamente, o que leva os jovens a buscarem a livre organização junto aos movimentos sociais. Foi com esse espírito de rebeldia e encantamento, que a juventude catoleense do final dos anos 60, tentou a sua maneira, mudar a realidade social existente. Nesse sentido, como bem argumenta Ana Lúcia Barreto, a “Geração Viramundo” de Catolé do Rocha, não apenas fez história, fez cultura, se politizou, criou valores, quebrou tabus e velhos paradigmas, procurou construir o novo.

Dessas lições chegamos a algumas conclusões: em primeiro lugar, não há saída para os jovens e nem para os trabalhadores fora da sua livre organização; que a transformação da sociedade se coloca como uma possibilidade histórica; que não bastam as condições objetivas favoráveis à transformação social. Ainda assim, são necessárias as condições subjetivas; que o partido revolucionário ainda é o instrumento histórico capaz de operar as transformações necessárias a constituição de uma nova sociabilidade; que esse partido não existe e que é tarefa da humanidade criá-lo se quiser construir uma sociedade mais justa, fraterna e igualitária; parafraseando o filósofo István Mészáros, é necessário avançarmos rumo a uma alternativa “para além do capital” e de sua lógica destrutiva; e, por fim, que a construção de outro mundo é possível, se quisermos nos livrar da barbárie que tanto ameaça o planeta.

---

<sup>26</sup>O espírito vibrante e a rebeldia juvenil impactaram até mesmo filósofos como Herbert Marcuse que, em contraposição ao seu amigo Theodor Adorno, procurou entender a juventude como uma nova vanguarda da sociedade, ao optar por uma revolução cultural e não por uma ruptura política.

## Referências

BENJAMIN, W. **Obras Escolhidas**: magia e técnica, arte e política. São Paulo: Brasiliense, 1994.

DIRCEU, José e PALMEIRA, Vladimir. **Abaixo a Ditadura**. Rio de Janeiro, Garamond, 1998.

FORACCHI, Marialice M. **A Juventude na Sociedade Moderna**. São Paulo, Pioneira, 1972.

FORACCHI, Marialice M. **A Juventude na Sociedade Brasileira**. São Paulo, Pioneira/Edusp, 1972.

FORACCHI, Marialice M. **O Estudante e a Transformação da Sociedade Brasileira**. São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1977.

GAGNEBIN, J. M. **Cacos da História**. São Paulo: Brasiliense, 1982.

GORENDER, Jacob. **Combate nas Trevas: A Esquerda Brasileira - Das Ilusões Perdidas à Luta Armada**. São Paulo, Ática, 1987.

GURGEL, Antônio de Pádua. **A Rebelião dos Estudantes**. Brasília, Ed. Revan, 2004.

HALBWACHS, M. **A memória Coletiva**. Rio de Janeiro: Vértice, 1990.

HALBWACHS, M. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Ed. Centauro, 2004.

IANNI, O. O jovem radical. In: BRITO, S. (org.) **Sociologia da Juventude I**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1968.

IANNI, Octavio. A ditadura militar no Cárcere. In: **Caros amigos**. n° 32, São Paulo, Casa Amarela, Novembro de 1999, p.10.

MARTINS FILHO, João Roberto. **Movimento Estudantil e Ditadura Militar: 1964-1968**. Campinas, Papiros, 1987.

MELO, Ana L. Gomes de. **Geração viramundo – Catolé do Rocha – anos 60**. João Pessoa: Editora Manufatura, 2006.

MIRANDA, N. e TIBÚRCIO, C. (orgs.) **Os filhos deste solo (Mortos e desaparecidos políticos durante a ditadura militar: a responsabilidade do Estado)**. São Paulo: Boitempo, 1999.

TROTSKY, L. **Os crimes de Stalin**. Rio de Janeiro: Editora Melso, s.d.

VENTURA, Zuenir. **1968: O Ano que Não Terminou**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

**Passados quarenta e quatro anos, onde se encontram e como vivem os protagonistas dessa história.**

Ariosvaldo da Silva Diniz (Ari) – Anistiado político. Prof. do Departamento de Ciências Sociais e Ciências Políticas da UFPB. Reside em João Pessoa – PB.

Carlos Roberto Ribeiro (“Carlinhos”) – Reside em João Pessoa - PB.

Edmilson Alves de Azevedo – Anistiado político. Prof. do Departamento de Filosofia da UFPB. Reside em João Pessoa – PB.

Espedito Figueiredo – Bancário aposentado, reside em Sousa – PB.

Flávio Alves Dantas (“Mão de Onça”) – Atua no PT, reside em João Pessoa –PB.

Flávio Ronaldo Guedes (Ronaldo de Jeová) – Reside em São Paulo.

Francisco Alves Dantas (“Cacheado”) – Anistiado político. Funcionário de uma ONG/Ecologia, reside em João Pessoa – PB.

Francisco Veras Diniz (Noel Veras) – Reside em João Pessoa – PB.

Gildásio Fausto Araújo – Bancário aposentado, reside em João Pessoa, atua junto à Comissão de Direitos Humanos.

Irapuan Cortez Costa – Funcionário público, reside em Mossoró – RN.

João Salustiano Neto (Neto Boca-Rica) – Bancário aposentado, reside em Catolé do Rocha - PB

Joaquim Almeida – Engenheiro, reside em João Pessoa – PB.

José Cidalino Almeida (Dedé de Cidalino) – Professor, reside em João Pessoa – PB.

José de Lima Soares – Anistiado político. Prof. do Departamento de História e Ciências Sociais da UFG/CAC. Reside em Brasília – DF.

José Paz (“Neguinho”) – Reside em Catolé do Rocha – PB

Luiz Gonzaga da Silva (Gegê) – Ex-Dirigente do Sindicato dos Coureiros de São Paulo. Líder do Movimento de Moradia no Centro (MMC) e da Central de Movimentos Populares (CMP). Reside em São Paulo - SP.

Manoel Pedro da Silva – Reside m Catolé do Rocha – PB.

Orivaldo Vieira da Silva – Funcionário público, reside em Brasília - DF

Rogério Ribeiro de Sá (Zeinha) – Prof. de História na Rede Pública. Vereador pelo PT, reside em Ilha Bela – SP.

Santino Neto – Médico, reside em João Pessoa – PB.

Ubiraci Cortez Costa – Funcionário público, reside em Catolé do Rocha - PB

Ubiratan Cortez Costa – Anistiado político. Agricultor aposentado, reside em Catolé do Rocha – PB. Atua no PT.

*Artigo recebido em 27-12-2013, revisado em 19-05-2014 e aceito para publicação em 11-06-2014.*